

Escala de Conexão no Esporte (ECE): Controle de Aquiescência e Invariância

Daniele de Campos , Maynara Priscila Pereira da Silva , Nathalia Bonugli Caurin ,
Rafael Moreton Alves da Rocha , & Evandro Morais Peixoto 

Universidade São Francisco, Campinas, SP, Brasil.

RESUMO – A Escala de Conexão no Esporte (ECE) é um dos instrumentos para avaliar a conexão no modelo dos 5C's do desenvolvimento positivo de jovens. Em estudo anterior, a escala apresentou uma solução de dois fatores, apesar da teoria sugerir uma estrutura unifatorial. Este estudo teve como objetivo comparar o modelo unifatorial da ECE, com e sem controle de aquiescência, ao modelo de dois fatores e testar a invariância da escala entre praticantes de modalidades coletivas e individuais, em uma amostra de jovens brasileiros. Os resultados indicaram a solução unifatorial como aceitável para o modelo controlado e que o instrumento não é equivalente entre os dois grupos. Constatou-se a adequação do instrumento e a influência de viés nas respostas aos itens.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia do esporte, psicometria, viés do teste, avaliação psicológica

Sport Connection Scale (ECE): Acquiescence Control and Invariance

ABSTRACT – The Sports Connection Scale (ECE) is one instrument to assess the connection of the 5C's model of positive youth development. In a previous study, the scale presented a two-factor solution, despite the theory suggesting a unifactorial structure. This study aims to compare the ECE unifactorial model with and without acquiescence control to the two-factor model and to test the scale invariance between collective and individual modalities practitioners in a sample of young Brazilians. The results indicate the unifactorial solution as acceptable for the controlled model and that the instrument is not equivalent between the two groups. The adequacy of the instrument and the influence of response bias in the item's answers were verified.

KEYWORDS: sports psychology, psychometrics, test bias, psychological assessment

A prática esportiva está associada a diversos benefícios sociais (e.g., relações interpessoais), psicológicos (autoconfiança) e físicos (desenvolvimento motor; Galatti et al., 2017; Reverdito et al., 2017). Pesquisas direcionadas para compreensão do ambiente, relacionamentos e atividades esportivas tem avançado, principalmente entre a população jovem (e.g., Côté et al., 2010; Fraser-Thomas et al., 2005; Kavussanu & Boardley, 2009; MacDonald et al., 2012; Panza et al., 2020; Turnnidge et al., 2012; Vierimaa et al., 2017). Dentre as perspectivas para analisar a participação dos jovens no esporte e seus benefícios, o Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ; Holt, 2016; Holt et al., 2020), apresenta princípios e premissas de diferentes propostas de mensuração do construto. O modelo teórico 5C's é uma

das premissas que tem como intuito avaliar o DPJ, por meio de cinco características (competência, confiança, conexão, cuidado e caráter; Lerner et al., 2005). O C correspondente a conexão está associada a habilidades fundamentais para a manutenção dos outros C's, como por exemplo, as habilidades sociais, partindo da ideia de que os atletas estão em constante interação com os treinadores ou colegas de equipe (Goldenberg et al., 2016; Santos et al., 2016; Vierimaa et al., 2017). Compreendendo as diversas possibilidades de mensuração desse construto, esta pesquisa propõe a investigação das propriedades psicométricas da Escala de Conexão no Esporte (ECE).

A conexão, é um termo guarda-chuva, que abarca diferentes construtos, por exemplo, identidade social (Bruner

et al., 2014), relacionamento com outros atletas (Weiss & Smith, 2002) e coesão (Eys et al., 2009). Além disso, refere-se à qualidade dos relacionamentos construídos dentro de um ambiente. No contexto esportivo o atleta pode construir e estabelecer vínculos com treinadores, outros atletas, adversários, árbitros ou até mesmo com a instituição (e.g., centro esportivo). As relações dentro do ambiente esportivo, se significativas e positivas, podem ser um componente importante para promover o DPJ (Vierimaa et al., 2012), visto que a maioria das pessoas possui a necessidade de pertencer e se sentir aceita em algum grupo (Baumeister & Leary, 1995).

Dentre todos os relacionamentos, a relação com o treinador exerce um papel fundamental para o funcionamento da relação com outros atletas (Compton, 2005; Tavares et al., 2021). O papel do treinador está associado a responsabilidade de auxiliar no desenvolvimento de um ambiente mais saudável, de suporte, aprendizagem e acolhimento (Tavares et al., 2021); possibilitando um clima positivo, estimulando a cooperação e contribuição dos atletas, proporcionando o desenvolvimento e fortalecimento dos outros relacionamentos no ambiente (Compton, 2005; MacDonald et al., 2010; Tavares et al., 2021; Weiss & Stuntz, 2004).

Quando os relacionamentos acontecem de maneira saudável, seja com o treinador ou com outros atletas, o jovem tende a se engajar mais e ficar satisfeito com a prática (Tavares et al., 2021; Weiss & Stuntz, 2004). Isto propicia ao atleta autoconhecimento, responsabilidade e autocontrole, facilitando o aprimoramento e manutenção das habilidades sociais (e.g. liderança, comunicação; Goldenberg et al., 2016; Sanches & Rubio, 2011), bem como a promoção da moralidade e integridade (Kavussanu & Stanger, 2017; Shields & Bredmeier, 2007).

É importante destacar que quando o jovem está comprometido com outras pessoas, criando vínculos afetivos e de confiança, as habilidades sociais e pessoais também podem ser desenvolvidas (Bruner et al., 2014). Contudo, essa conexão atleta-atleta vai depender da atuação do treinador no ambiente (Lorimer, 2009). Em suma, os resultados das relações saudáveis no ambiente esportivo, estimulam sentimentos e pensamentos direcionados ao grupo (e.g. clareza de papéis, empatia e aceitação social) (Jowett & Poczwardowski, 2007).

Nesse sentido, existem diferentes indicações de instrumentos para compreender a conexão no esporte. Ao propor uma bateria de testes para avaliar o modelo dos 5C's do DPJ de acordo com a proposta teórica elaborada por Côté et al. (2010), Vierimaa et al. (2012) indicaram as escalas *Coach-athlete Relationship Questionnaire* (conexão treinador-atleta) e *Peer Connection Inventory* (conexão atleta-atleta) para avaliar a conexão no esporte.

O instrumento *Coach-athlete Relationship Questionnaire*, que mede a relação entre treinador e atleta, é composto por três dimensões: proximidade (emoções), comprometimento (cognições) e complementariedade (comportamentos). E

constituído por duas versões, sendo elas, para o treinador e para os atletas (Jowett & Ntoumanis, 2004). O instrumento *Peer Connection Inventory* propõe-se a mensurar a relação entre atletas, a partir da escolha do atleta por três companheiros de equipe que gosta de trabalhar; e esse tipo de avaliação caracteriza duas classificações oscilométricas (impacto social e preferência social; Coie & Dodge, 1983).

Apesar dos avanços ao oferecer uma medida para avaliar os 5C's, o *Peer Connection Inventory* tem uma proposta de avaliação intragrupo, dificultando a compreensão da conexão em pesquisas com grandes amostras (Vierimaa et al., 2012). Em função dessa limitação, o estudo de Silva & Peixoto (2021) sugeriu uma nova escala para avaliar conexão entre os atletas, denominada *Teamwork Scale for Youth* (TSY; Anderson-Butcher et al., 2014). Esta, tem como objetivo mensurar a capacidade percebida de adolescentes para trabalhar e contribuir com outros membros da equipe, em prol de um objetivo comum. Porém, o instrumento é voltado apenas para a relação entre atletas que fazem parte da mesma equipe, não considerando outras relações presentes no esporte.

No entanto, nenhum dos instrumentos propõem mensurar mais de uma perceptiva da conexão. O que pode dificultar pesquisadores da área na avaliação das relações dos atletas com treinadores e com outros atletas, uma vez que será necessário aplicar mais de uma medida, com objetivos e estruturas divergentes. Nesse sentido, Campos et al. (2022) propuseram uma escala para mensurar os dois tipos de relacionamentos (treinador-atleta/ atleta-atleta), denominada de Escala de Conexão no Esporte (ECE), como parte de uma bateria para mensurar os 5C's do DPJ. A bateria tem como intuito avaliar a presença de habilidades positivas fomentadas no ambiente esportivo, em jovens com idades entre 12 e 24 anos. Os resultados pela análise fatorial exploratória sugeriram uma estrutura unifatorial para cada subescala, com exceção da ECE, que apresentou estrutura composta por dois fatores. Contudo, foi interpretado que esta configuração pode ter decorrido da organização dos itens em função dos conteúdos positivos e negativos.

Considerando a relevância de ter instrumentos adequados para avaliar a relação treinador-atleta e atleta-atleta no contexto esportivo o presente estudo irá empregar a ECE. A ECE é um instrumento breve de dois fatores, que os participantes devem responder sobre a qualidade das relações estabelecidas no esporte. O instrumento aborda a abertura a novas ideias e metas do grupo, relacionamento com treinador e equipe, e sentimentos de pertencimento ao grupo; e apresenta propriedades psicométricas adequadas (Campos et al., 2022).

O fato de a ECE ter sido a única subescala da bateria que não obteve estrutura interna unifatorial, pode decorrer de erro de medida devido a vieses de resposta, visto que os resultados indicaram dois fatores, sendo o primeiro contém itens de conteúdo positivo e o segundo com itens de conteúdo negativo (Campos et al., 2022). Os vieses de respostas dizem respeito a intenção do sujeito em responder a um grupo de

itens, com base em uma perspectiva independente ao conteúdo do item (Valentini, 2017). Ou seja, há uma tendência em responder considerando outras questões além do construto, por exemplo, preferência por categorias extremas (estilo de resposta extrema; Baumgartner & Steenkamp, 2001), tendência em responder de maneira positiva e conforme as normas sociais (desejabilidade social) (Uziel, 2010) e tendência em concordar com um item independente de seu conteúdo (aquiescência) (Valentini, 2017; Ziegler, 2015).

Um viés de especial pertinência, no caso da ECE, é a aquiescência. Devido a escala contar com itens de semântica positiva e negativa, o endosso dos itens independentemente do seu conteúdo prejudicará o ajuste do modelo e as cargas fatoriais dos itens negativos (Danner et al., 2015; Maydeu-Olivares & Coffman, 2006; Valentini, 2017). Para controlar este viés de resposta, pode-se empregar um modelo de intercepto randômico, no qual é estabelecido um fator adicional “aquiescência”, ortogonal ao fator “conexão” e com suas cargas fatoriais fixadas em 1 (Maydeu-Olivares & Coffman, 2006). Os escores do fator aquiescência irão corresponder a pontuação decorrente deste viés de resposta (Maydeu-Olivares & Steenkamp, 2018).

Ao avançar com propostas de mensuração com controle de aquiescência por meio do modelo de intercepto randômico, profissionais da área do esporte podem ter ferramentas mais adequadas. Uma vez que o modelo tem demonstrado ser útil na estimação de estruturas fatoriais mais apropriadas (Maydeu-Olivares & Coffman, 2006; Maydeu-Olivares & Steenkamp, 2018). Em outras palavras, o modelo de intercepto impacta de maneira positiva nos processos de avaliação psicológica, ao propor uma medida com maior possibilidade de mensurar o construto alvo, enquanto minimiza os efeitos de vieses de resposta gerado pela amostra (Primi et al., 2019; Valentini et al., 2020).

Adicionalmente, é importante considerar o relacionamento atleta-atleta para os diferentes tipos de modalidades esportivas praticadas. Por exemplo, atletas que praticam tênis de mesa (Fuchs et al., 2019) e taekwondo (Kim & Nam, 2021; Wazir et al., 2019) têm uma relação com outros atletas que não sejam da mesma equipe, justamente, por ser uma modalidade praticada de forma individual. Diferente dos esportes voleibol (Lidor & Ziv, 2010), basquete (Bazanov et al., 2006) ou futebol (Jong et al., 2022), em que os atletas praticam a modalidade em equipe. Estudos anteriores observaram que atletas de modalidades individuais tendem a apresentar maior média no componente amizade, enquanto os atletas que praticam a modalidade coletivas endossam mais o trabalho em equipe (Benar & Loghmani, 2014; Howard et al., 2018; Moradi et al., 2020).

A presente pesquisa tem como objetivo estimar novas evidências de validade com base na estrutura interna para a Escala de Conexão no Esporte, usando o modelo de intercepto randômico para controle da aquiescência. E verificar a equivalência do instrumento entre as modalidades praticadas em equipe e individualmente. Com base na fundamentação teórica, as hipóteses são: (a) a estrutura de dois fatores se ajustará aos dados provenientes da amostra, conforme os achados de Campos et al. (2022), haja vista o conteúdo dos itens (positivo e negativo) para o modelo sem controle de aquiescência; (b) espera-se que no modelo controlado pelo o viés a estrutura unidimensional demonstre ser a mais adequada; (c) o controle da aquiescência irá melhorar os índices de ajustes, indicando que há uma influência de vieses de respostas (Maydeu-Olivares & Coffman, 2006); (d) o instrumento não será equivalente entre os dois grupos (equipe x individual), uma vez que os itens não consideram as relações com outros atletas, mas como relação de equipe.

MÉTODO

Os dados estão disponíveis mediante solicitação aos autores.

Participantes

A amostra, por conveniência, foi composta por 377 jovens atletas, com idades entre 12 e 24 anos ($M = 17,9 \pm 2,84$), de ambos os sexos (54,6% masculino). A maioria dos atletas descreveram praticar a modalidade esportiva em equipe (52,5%), sendo alguns exemplos o futebol, basquete, voleibol, handebol, entre outros. Os demais atletas descreveram praticar individualmente, por exemplo, tênis, atletismo, taekwondo, judô, entre outros. Em relação ao nível competitivo, 30% assumiram não competir na sua modalidade, 24,9% descreveram estar em nível nacional, 18% em nível estadual e regional, sendo o restante de 9%

em nível internacional. Em geral, os praticantes afirmaram ter pelo menos três anos de experiência na sua modalidade (65,8%), além de não ser o primeiro esporte praticado (65,5%). Adicionalmente, descreveram ter treinado com outros técnicos (76,7%).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Elaborado especificamente para a presente pesquisa, teve o objetivo de obter informações pertinentes a respeito dos participantes. Para isso, foram elaboradas perguntas referentes a idade, sexo, tipo de modalidade praticada (coletiva ou individual), nível competitivo, tempo de experiência e se já praticaram o esporte com técnicos diferentes dos atuais.

Escala de Conexão no Esporte

A ECE faz parte de uma bateria para avaliar o modelo teórico 5C's (competência, confiança, conexão, cuidado e caráter) do Desenvolvimento Positivo de Jovens no Esporte, desenvolvida inicialmente por Campos et al. (2022). Tem como objetivo mensurar o C conexão, ou seja, investiga a qualidade das relações dentro do ambiente esportivo. O instrumento é composto por 15 itens, em que os participantes devem responder sobre a qualidade das relações estabelecidas no esporte, por meio de uma escala Likert de cinco pontos (1, *discordo totalmente*, a 5, *concordo totalmente*). O conteúdo dos itens aborda, em geral, abertura para novas ideias, metas do grupo, bom relacionamento com treinador e equipe, e sentimentos de pertencimento ao grupo. A análise paralela demonstrou a retenção de dois fatores (fator 1 = 44%; fator 2 = 17%) dada a variância dos itens, pelos respectivos dados aleatórios 15% e 13%. Além disso, os índices de ajuste da estrutura com um fator obtiveram valores abaixo do esperado para *Comparative Fit Index* (CFI = 0,894) e *Tucker-Lewis Index* (TLI = 0,879), e apresentou valores superiores ao esperado para *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA = 0,140; Campos et al., 2022).

Procedimentos

Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco (CAAE: 50705221.3.0000.5514). Para os participantes foi assegurado o direito do sigilo sobre os dados coletados e a possibilidade de desistir a qualquer momento da participação, atendendo à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

A coleta foi realizada em instituições esportivas e por meio das redes sociais dos pesquisadores, sendo compartilhado um link desenvolvido pelo *Google Forms*. Somente participaram

da pesquisa os atletas que concordaram com o termo de consentimento livre esclarecido e o termo de assentimento livre esclarecido.

Análise de Dados

Com objetivo de estimar a estrutura fatorial foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), sendo empregado o método de estimação *Diagonal Weighted Least Square* (DWLS). Para interpretação dos índices de ajustes, usou o seguinte parâmetro de corte: $\chi^2/gl \leq 3$; $RMSEA \leq 0,08$; $CFI \geq 0,9$; e $TLI \geq 0,9$ (Brown, 2015).

Em seguida, para identificar a influência do viés de resposta, empregou-se o modelo de Intercepto Randômico (IR) para controle da aquiescência. O que possibilitou estimar os parâmetros mais aprimorados da estrutura fatorial do instrumento (Zanon et al., 2018). A análise usou o método de estimação *Diagonal Weighted Least Square* (DWLS), considerando os parâmetros já descritos no parágrafo anterior. Seu objetivo foi moldar as diferenças individuais não consideradas nos modelos fatoriais comuns, assim, sendo uma extensão do modelo fatorial confirmatório comum (Maydeu-Olivares & Coffman, 2006).

Para verificar a invariância dos parâmetros dos itens empregou-se o método de Análise Fatorial Confirmatório Multigrupo (AFCMG), usando como método de estimação *Diagonal Weighted Least Square* (DWLS). Optou-se por comparar três modelos para verificar a equivalência da ECE em atletas de modalidades de equipe e individuais, a saber, modelo configural (estrutura interna), métrico (peso das cargas fatoriais) e escalar (interceptos). A interpretação dos resultados considerou a variabilidades dos índices RMSEA ($\Delta RMSEA < 0,01$), CFI ($\Delta CFI < 0,01$), McDonald ($\Delta McDonald < 0,02$) e Gamma-hat ($\Delta \text{Gamma-hat} < 0,001$; Cheung & Rensvold, 2002). Todas as análises foram realizadas usando o software RStudio na linguagem R, por meio do pacote *lavaan* (Rosseel, 2012).

RESULTADOS

A AFC estimou duas estruturas fatoriais, sendo elas, um fator e de dois fatores correlacionados. Dentre as estruturas, a de dois fatores se ajustou melhor aos dados, visto que apresentou índices de ajustes considerados bons ($\chi^2 = 145,00$; $gl = 89$; $CFI = 0,972$; $TLI = 0,967$; e $RMSEA = 0,041$, IC 90% [0,028; 0,053]). Embora, os itens apresentem a proposta de avaliar um único construto, a estrutura de um fator não demonstrou ser adequada por apresentar índices abaixo do esperado pela literatura em relação a CFI e TLI, além de um valor substancialmente superior para RSMEA ($\chi^2 = 352,72$; $gl = 90$; $CFI = 0,871$; $TLI = 0,849$; e $RMSEA = 0,088$, IC 90% [0,079; 0,098]). As cargas fatoriais para ambas as estruturas carregaram de maneira significativa, para um fator ($\lambda < 0,38$) e para dois fatores (primeiro fator: positivo $\lambda < 0,59$; segundo fator:

negativo $\lambda < 0,44$). Com exceção do item 11, que não carregou significativamente em ambos os casos.

Entendendo que o instrumento tem o objetivo de avaliar um único construto, foi empregado a AFC com intercepto randômico, buscando melhorar os parâmetros da estrutura unifatorial, a partir de um controle de aquiescência. Os índices de ajustes ficaram mais adequados, dando suporte a fundamentação teórica ao corroborar com uma estrutura unifatorial ($\chi^2 = 176,26$; $gl = 88$; $CFI = 0,957$; $TLI = 0,948$; e $RMSEA = 0,052$, IC 90% [0,040; 0,063]). Apresenta-se as cargas fatoriais do modelo sem e com controle de aquiescência da ECE (Tabela 1).

As cargas fatoriais dos itens de conteúdo negativo aumentaram substancialmente, em relação aos itens positivos também é possível observar essa melhora, com

exceção dos itens 1 e 14. Embora os resultados tenham ficado mais adequados com o controle da aquiescência, o item 11 demonstrou não carregar significativamente ao fator (Tabela 1). Adicionalmente, foi empregado uma AFCMG para testar a equivalência da ECE entre atletas que praticam seu esporte em equipe e atletas que praticam individualmente (Tabela 2).

A variabilidade dos índices ficou acima do esperado, com exceção do modelo métrico para o modelo escalar no RMSEA (Tabela 2). Dessa forma, os resultados sugerem que a ECE não é equivalente entre os dois grupos de atletas (praticantes de modalidades em equipe x praticantes de modalidade individual), indicando que os escores são variantes e que os parâmetros dos itens são enviesados.

Tabela 1
Cargas fatoriais da estrutura unifatorial

Itens	Sem controle	Com controle	IR
1	0,727	0,722	0,283
2	0,463	0,464	0,283
3	0,649	0,652	0,283
4	0,547	0,602	0,283
5	0,568	0,603	0,283
6	-0,606	-0,622	0,283
7	0,536	0,570	0,283
8	-0,493	-0,527	0,283
9	-0,332	-0,386	0,283
10	-0,384	-0,413	0,283
11	-0,002	-0,014	0,283
12	-0,479	-0,494	0,283
13	-0,541	-0,581	0,283
14	0,543	0,518	0,283
15	-0,386	-0,461	0,283
Variância			0,08

Tabela 2
Invariância fatorial entre modalidades coletivas ($n = 198$) e individual ($n = 179$)

Modelo	χ^2/gl	p	CFI	TLI	RMSEA	MD	GH	ΔCFI	$\Delta RMSEA$	ΔMD	ΔGH
1	247,98 (176)	0,000	0,969	0,963	0,047	0,908	0,994	-	-	-	-
2	397,50 (190)	0,000	0,911	0,902	0,076	0,758	0,984	0,058	0,029	0,150	0,010
3	448,76 (203)	0,000	0,895	0,891	0,080	0,720	0,981	0,016	0,004	0,038	0,003

Note. 1 = Configural; 2 = Métrico; 3 = Escalar. χ^2 = qui-quadrado; gl = graus de liberdade; CFI = Comparative Fit Index; RMSEA = Root Mean Square Error Approximation; MD = Ômega de McDonald; GH = Gamma Hat.

DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi buscar novas evidências de validade a respeito da estrutura interna da ECE. Os resultados demonstraram que o modelo controlado a partir do intercepto randômico apresentou índices mais adequados para a estrutura unifatorial, corroborando a hipótese b, ao indicar que há vieses de respostas que influenciaram a interpretabilidade dos dados (Maydeu-Olivares & Coffman, 2006). A AFCMG, conforme esperado, indicou que o instrumento não funciona de forma equivalente entre atletas de modalidades coletivas e individuais (Cheung & Rensvold, 2002).

Conforme os resultados observados no estudo de Campos et al. (2022), a estrutura de dois fatores demonstrou ser mais adequada aos dados da amostra, ao apresentar índices de ajustes adequados. Nessa direção, aplicou-se o modelo de intercepto randômico com intuito de controlar a aquiescência, uma vez que os itens da escala avaliam a conexão, ou seja, apenas um construto. A comparação entre os modelos unifatoriais com e sem controle de aquiescência ressaltam o impacto do viés de resposta na estrutura interna do instrumento.

No modelo sem uso do intercepto randômico as cargas fatoriais dos itens negativos foram subestimadas. Além disso,

o ajuste do modelo foi enviesado, resultando em índices não admissíveis. Em contraste, o modelo com uso de intercepto randômico, apresentou melhora das cargas fatoriais dos itens negativos e o modelo obteve índices de ajuste aceitáveis (Ziegler, 2015). Dessa forma, os resultados indicam que os vieses não devem ser ignorados na estimação dos escores fatoriais (Valentini et al., 2020).

No que concerne as cargas fatoriais, o item 11 demonstrou um valor inferior em relação aos outros itens, não apresentando valor mais adequado nem no modelo controlado. A baixa carga fatorial do item 11 possivelmente decorre de seu conteúdo, que diferente dos demais itens que se referem especificamente a equipe ou ao treinador, utiliza da expressão “participantes”. Desta forma, os respondentes podem interpretar “participantes” como qualquer sujeito que pertença ao contexto da sua prática esportiva (e.g., treinador, atletas da equipe, adversário, juízes, torcedores etc.). Devido a isso, a carga fatorial do item pode ter sido extremamente penalizada.

A partir do controle de aquiescência os dados apresentaram escores mais confiáveis, com parâmetros mais adequados (Zanon et al., 2018). Tais achados estão alinhados com a perspectiva de que controlar a aquiescência é um procedimento significativo, por reproduzir uma estrutura interna mais adequada que não influencia os dados e não prejudica as evidências de validade do instrumento e fidedignidade dos escores (Valentini, 2017; Zanon et al., 2018).

Os resultados da AFCMG indicam que a escala não funciona de forma equivalente entre os grupos. Isto indica que o instrumento não é capaz de captar diferenças reais entre praticantes de modalidades esportivas coletivas e individuais no que tange a conexão dentro do ambiente esportivo. Devido a invariância ter sido acatada apenas no modelo restrito (configural) diferenças entre os grupos podem refletir apenas erro de medida (Fischer & Karl, 2019; Milfont & Fischer, 2010).

Os resultados, portanto, corroboram com a hipótese “d” do presente estudo, ao sugerir que embora a ECE apresente invariância configural entre os grupos, ou seja da estrutura fatorial, não apresenta estabilidade quanto ao peso dos itens no fator latente (cargas fatoriais) bem como do intercepto dos itens (dificuldade de endosso). Uma das possibilidades para a não invariância pode decorrer do conteúdo dos itens, que quando se referem a relação dos atletas com outros atletas, tem conteúdo voltado para a equipe. Atletas que praticam uma modalidade individual, podem treinar com outros atletas, criar um vínculo e estabelecer confiança, ou seja, uma conexão com outro atleta. No entanto, seu foco não é fazer frente aos desafios competitivos por meio das potencialidades da equipe, visto que tende a competir sozinho.

O conteúdo do item influencia nas cargas fatoriais e no intercepto, prejudicando a equivalência do instrumento para atletas dos dois tipos de modalidade. Na modalidade individual os itens não estariam avaliando o que propõem

mensurar, ou seja, a conexão entre atletas. As cargas fatoriais, portanto, tendem a ser inferiores para o grupo de modalidade individual comparado ao grupo de modalidade coletiva, assim, não sendo possível comparar as relações entre os construtos (Brown, 2015), além de indicar que os itens não apresentam a mesma relevância para o construto (Byrne, 2010). No que concerne os interceptos, os resultados sugerem que não há igualdade dos itens, visto que as médias latentes estão distantes entre os dois grupos (Steenkamp & Baumgartner, 1998).

No ambiente esportivo os relacionamentos são componentes essenciais para o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades (Santos et al., 2016; Vierimaa et al., 2017). O papel do treinador influencia a relação do atleta com outro atleta, como também está associado a aprendizagem e acolhimento. Nesse cenário, o atleta tende a desenvolver questões de dentro e fora do esporte, por exemplo, liderança, desempenho escolar e relação familiar (Bean et al., 2018). A relação com outros atletas, por sua vez, está associada a motivação e engajamento. Quando os atletas se sentem parte de um grupo, constroem uma conexão com o outro e vivenciam um ambiente de apoio, suas habilidades sociais e pessoais são estimuladas (Bruner et al., 2014).

Diante do exposto, evidencia-se a importância da proposição e refinamento de medidas que mensurem a qualidade dos relacionamentos no contexto esportivo. Tais medidas são capazes de identificar a qualidade das conexões, assim, identificar quais necessitam de intervenções para que sejam aprimoradas e resultem na construção de relações benéficas e de um ambiente que fomente o desenvolvimento positivo dos atletas (Scott et al., 2021; Silva & Peixoto, no prelo; Van Yperen et al., 2021; Yukhymenko-Lescroar, 2021).

Em suma, avançar com instrumentos que têm o objetivo de avaliar os relacionamentos no ambiente esportivo proporciona aos profissionais (e.g., técnicos, educadores físicos e psicólogos do esporte) a compreensão dos sentimentos, emoções e comportamentos do atleta com os outros. Além de auxiliar no planejamento de estratégias para facilitar a conexão, por consequência, estimular que habilidades sejam aprimoradas, como, empatia, liderança, tomada de decisões (Holt et al., 2017; Santos et al., 2016; Vierimaa et al., 2017).

Dessa forma, tais profissionais podem fazer o uso do instrumento considerando uma avaliação mais adequada do construto em diferentes circunstâncias, a depender da demanda da equipe, do atleta individual ou das especificidades do esporte. Um exemplo de aplicação seria em momentos de competição, visto que os atletas estarão mais propensos aos vieses de resposta, dado aos estressores do ambiente e a pressão interna para o desempenho (Coakley et al., 2009; Elendu & Dennis, 2017). Nesse caso, a aplicação da ECE controlada pelo modelo IR possibilita que quem esteja realizando uma avaliação, consiga interpretar as qualidades das relações de maneira mais apropriada e com baixos indícios de vieses de resposta (Maydeu-Olivares & Coffman, 2006; Primi et al., 2019).

Os resultados indicam a adequação do instrumento ao mensurar a conexão em geral. Eles também sugerem que há influência de viés para responder aos itens. Assim, dando suporte para proporcionar uma ferramenta que auxilia profissionais da psicologia e ciências do esporte. Adicionalmente, os resultados contribuem para que a avaliação no contexto esportivo avance, considerando aspectos adaptativos e potencialidades dos atletas, para além dos ganhos competitivos e alta performance, ao operacionalizar uma ferramenta capaz de identificar as relações e habilidades sociais. Contudo, embora os achados sejam relevantes e demonstre avanços para mensuração dos relacionamentos no ambiente esportivo, o presente estudo apresenta algumas limitações.

Não foi possível estimar as diferenças de médias entre os grupos, visto que o instrumento demonstrou não ter

equivalência entre os grupos, ou seja, as comparações poderiam estar associadas ao erro de medida, em vez do traço latente. Neste sentido, investimentos para o desenvolvimento de propostas de normatização devem ser realizadas separadamente para atletas de modalidades coletivas e individuais. Recomenda-se que em futuros estudos a ECE passe por adaptações ou sejam incluídos novos itens, pensando em adotar o controle dos vieses de respostas por meio de outras técnicas, por exemplo, a desejabilidade social. Sugere-se adaptar ou construir novos itens empregando quadruplas, neutralização de itens (Costa & Hauck-Filho, 2017; Ziegler, 2015) e na exclusão do item 11, uma vez que não apresentou valores considerados adequados na carga fatorial, em ambos os modelos: sem e com controle da aquiescência.

REFERÊNCIAS

- Anderson-Butcher, D., Wade-Mdivanian, R., Paluta, L., Lower, L., Amorose, A., & Davis, J. (2014). *OSU LiFE Sports 2013 annual report* [Informe anual de 2013 de OSU LiFE Sports]. College of Social Work, The Ohio State University.
- Baumgartner, H., & Steenkamp, J. B. E. M. (2001). Response styles in marketing research: A cross-national investigation [Estilos de resposta em pesquisas de marketing: Uma investigação transnacional]. *Journal of Marketing Research*, 28, 143–156. <https://doi.org/10.1509/jmkr.38.2.143.18840>
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation [A necessidade de pertencer: O desejo de vínculos interpessoais como uma motivação humana fundamental]. *Psychological Bulletin*, 117(3), 497–529. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.497>
- Bazanov, B., Vöhandu, P., & Haljand, R. (2006). Factors influencing the teamwork intensity in basketball [Fatores que influenciam a intensidade do trabalho em equipe no basquete]. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 6(2), 88-96. <https://doi.org/10.1080/24748668.2006.11868375>
- Bean, C., Kramers, S., Forneris, T., & Camiré, M. (2018). The implicit/explicit continuum of life skills development and transfer [O continuum implícito/explicito do desenvolvimento e da transferência de habilidades para a vida]. *Quest*, 70(4), 456-470. <https://doi.org/10.1080/00336297.2018.1451348>
- Benar, N., & Lohmani, M. (2014). Factor analysis of teenage athletes' goal orientations and sports participation motives in leisure time [Análise fatorial das orientações de metas e motivos de participação esportiva de atletas adolescentes no tempo livre]. *Annals of Applied Sport Science*, 2(1), 69-80. <https://doi.org/10.18869/acadpub.aassjournal.2.1.69>
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research* [Análise fatorial confirmatória para pesquisa aplicada]. Guilford Press.
- Bruner, M. W., Boardley, I. D., & Côté, J. (2014). Social identity and prosocial and antisocial behavior in youth sport [Identidade social e comportamento pró-social e antissocial no esporte juvenil]. *Psychology of Sport and Exercise*, 15(1), 56–64. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2013.09.003>
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming* [Modelagem de equações estruturais com AMOS: conceitos básicos, aplicativos e programação] (2. ed.). Routledge, Taylor & Francis.
- Campos, D., Silva, M. P. P., & Peixoto, M. E. (2022). *Escala dos 5Cs do Desenvolvimento Positivo de Jovens no Esporte: Propriedades psicométricas* [Manuscrito Submetido]. Universidade São Francisco.
- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating goodness-of-fit indexes for testing measurement invariance [Avaliação dos índices de adequação para testar a invariância da medição]. *Structural Equation Modeling*, 9(2), 233–255. https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902_5
- Coakley, J. J., & Pike, E. (2009). *Sports in society: Issues and controversies* [O esporte na sociedade: Questões e controvérsias]. McGraw Hill Companies.
- Coie, J. D., & Dodge, K. A. (1983). Continuities and changes in children's social status: A five-year longitudinal study [Continuidades e mudanças no status social das crianças: Um estudo longitudinal de cinco anos]. *Merrill-Palmer Quarterly*, 29(3), 261-282. <https://www.jstor.org/stable/23086262>
- Compton, W. C. (2005). *An introduction to positive psychology* [Uma introdução à psicologia positiva]. Thomson Wadsworth.
- Costa, A. R. L., & Hauck Filho, N. (2017). Menos desejabilidade social é mais desejável: Neutralização de instrumentos avaliativos de personalidade. *Interação em Psicologia*, 21(3). <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v21i3.53054>
- Côté, J., Buner, M. W., Erickson, K., Strachan, L., & Fraser-Thomas, J. (2010). Athlete development and coaching [Desenvolvimento e treinamento de atletas]. In J. Lyle & C. Cushion (Eds.), *Sport Coaching: Professionalism and Practice* [Treinamento Esportivo: Profissionalismo e Prática] (pp. 63-79). Elsevier.
- Danner, D., Aichholzer, J., & Rammstedt, B. (2015). Acquiescence in personality questionnaires: Relevance, domain specificity, and stability [Aquiescência em questionários de personalidade: Relevância, especificidade de domínio e estabilidade]. *Journal of Research in Personality*, 57, 119-130. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2015.05.004>
- Elendu, I. C., & Dennis, M. I. (2017). Over-emphasis on winning, host-to-win and winning-at-all-cost syndrome in modern sports competitions: Implications for unsportsmanship behaviours of sports participants [Ênfase exagerada na síndrome do vencedor, do anfitrião para vencer e do vencer a qualquer custo nas competições esportivas modernas: Implicações para comportamentos antidesportivos de participantes de esportes]. *International Journal of Physical Education, Sports and Health*, 4(5), 104-107. <https://www.kheljournal.com/archives/?year=2017&vol=4&issue=5&part=B&ArticleId=1123>

- Eys, M. A., Loughead, T. M., Bray, S. R., & Carron, A. V. (2009). Perceptions of cohesion by youth sport participants [Percepções de coesão dos participantes de esportes juvenis]. *The Sport Psychologist*, 23(3), 330–345. <https://doi.org/10.1123/tsp.23.3.330>
- Fraser-Thomas, J., Côté, J., & Deakin, J. (2005). Youth sport programs: An avenue to foster positive youth development [Programas de esportes para jovens: Um caminho para promover o desenvolvimento positivo dos jovens]. *Physical Education & Sport Pedagogy*, 10(1), 19–40. <https://doi.org/10.1080/1740898042000334890>
- Fischer, R., & Karl, J. A. (2019). A primer to (cross-cultural) multi-group invariance testing possibilities in R [Uma cartilha para possibilidades de testes de invariância multigrupo (interculturais) no R]. *Frontiers in psychology*, 1507. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01507>
- Fuchs, M., Faber, I. R., & Lames, M. (2019). Game characteristics in elite paratable tennis [Características do jogo no tênis paratleta de elite]. *German Journal of Exercise and Sport Research*, 49(3), 251–258. <https://doi.org/10.1007/s12662-019-00575-4>
- Galatti, L. R., Bettega, O. B., Paes, R. R., Reverdito, R. S., Seoane, A. M., & Scaglia, A. J. (2017). O ensino dos jogos esportivos coletivos: Avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. *Pensar a Prática*, 20(3). <https://doi.org/10.5216/rpp.v20i3.39593>
- Goldenberg, A., Halperin, E., van Zomeren, M., & Gross, J. (2016). The process model of group-based emotion: Integrating intergroup emotion and emotion regulation perspectives [O modelo de processo da emoção baseada em grupo: Integrando as perspectivas da emoção intergrupar e da regulação da emoção]. *Personality and Social Psychology Review*, 20, 118–141. <http://dx.doi.org/10.1177/1088868315581263>
- Howard, S. J., Vella, S. A., & Cliff, D. P. (2018). Children's sports participation and self-regulation: Bi-directional longitudinal associations [Participação esportiva e autorregulação das crianças: Associações longitudinais bidirecionais]. *Early Childhood Research Quarterly*, 42, 140–147. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2017.09.006>
- Holt, N. L. (2016). Introduction: Positive youth development through sport [Introdução: Desenvolvimento positivo dos jovens por meio do esporte]. In N. L. Holt (Ed.), *Positive Youth Development Through Sport* [Desenvolvimento Positivo dos Jovens por meio do Esporte] (2. ed., pp. 1–4). Routledge.
- Holt, N. L., Deal, C. J., & Pankow, K. (2020). Positive youth development through sport [Desenvolvimento positivo dos jovens por meio do esporte]. In G. Tenenbaum, & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* [Manual de Psicologia do Esporte] (4. ed, pp. 429–446). Wiley.
- Holt, N. L., Neely, K. C., Slater, L. G., Camiré, M., Côté, J., Fraser-Thomas, J., MacDonald, D., Strachan, L., & Tamminen, K. A. (2017). A grounded theory of positive youth development through sport based on results from a qualitative meta-study [Uma teoria fundamentada do desenvolvimento positivo dos jovens por meio do esporte com base nos resultados de um meta-estudo qualitativo]. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 10(1), 1–49. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2016.1180704>
- Jong, L. M., Gastin, P. B., Bruce, L., & Dwyer, D. B. (2022). Teamwork and performance in professional women's football: A network-based analysis [Trabalho em equipe e desempenho no futebol feminino profissional: Uma análise baseada em redes]. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 18(3), 848–857. <https://doi.org/10.1177/17479541221092355>
- Jowett, S., & Ntoumanis, N. (2004). The coach–athlete relationship questionnaire (CART-Q): Development and initial validation [O questionário de relacionamento entre técnico e atleta (CART-Q): Desenvolvimento e validação inicial]. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 14(4), 245–257. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2003.00338.x>
- Jowett, S., & Poczwadowski, A. (2007). Understanding the coach-athlete relationship [Compreender o relacionamento entre técnico e atleta]. In S. Jowett & D. Lavalee (Eds.), *Social Psychology in Sport* [Psicologia Social no Esporte] (pp. 3–14). Human Kinetics.
- Kavussanu, M., & Boardley, I. D. (2009). The prosocial and antisocial behavior in sport scale [A escala de comportamento pró-social e antissocial no esporte]. *Journal Sport of Exercise Psychology*, 31, 97–117. <https://doi.org/10.1123/jsep.31.1.97>
- Kavussanu, M., & Stanger, N. (2017). Moral behavior in sport [Comportamento moral no esporte]. *Current Opinion in Psychology*, 16, 185–192. <http://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.05.010>
- Kim, J. W., & Nam, S. S. (2021). Physical characteristics and physical fitness profiles of Korean Taekwondo Athletes: A systematic review [Características físicas e perfis de condicionamento físico de atletas coreanos de Taekwondo: Uma revisão sistemática]. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(18), 9624. <https://doi.org/10.3390/ijerph18189624>
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S. Naudeau, S., Jelacic, H., Alberts, A. E., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D. L., Richman-Raphael, D., Simpson, I., Christiansen, E. D., & von Eye, A. (2005). Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development [Desenvolvimento positivo de jovens, participação em programas comunitários de desenvolvimento de jovens e contribuições comunitárias de adolescentes da quinta série: Resultados da primeira onda do estudo 4-H sobre desenvolvimento positivo de jovens]. *Journal of Early Adolescence*, 25(1), 17–71. <https://doi.org/10.1177/0272431604272461>
- Lidor, R., & Ziv, G. (2010). Physical characteristics and physiological attributes of adolescent volleyball players: A review [Características físicas e atributos fisiológicos de adolescentes jogadores de vôlei: Uma revisão]. *Pediatric Exercise Science*, 22(1). <https://doi.org/10.1123/pes.22.1.114>
- Lorimer, R. (2009). Coaches' satisfaction with their athletic partnerships [Satisfação dos técnicos com suas parcerias esportivas]. *International Journal of Coaching Science*, 3(2), 55–64. <https://rke.abertay.ac.uk/en/publications/coaches-satisfaction-with-their-athletic-partnerships>
- MacDonald, D. J., Côté, J., & Deakin, J. (2010). The impact of informal coach training on the personal development of youth sport athletes [O impacto do treinamento informal de técnicos no desenvolvimento pessoal de atletas de esportes juvenis]. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 5(3), 363–372. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.5.3.363>
- MacDonald, D. J., Côté, J., Eys, M., & Deakin, J. (2012). Psychometric properties of the youth experience survey with young athletes [Propriedades psicométricas da pesquisa de experiência juvenil com jovens atletas]. *Psychology of Sport and Exercise*, 13, 332–340. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2011.09.001>
- Maydeu-Olivares, A., & Coffman, D. L. (2006). Random intercept item factor analysis [Análise fatorial de itens com intercepto aleatório]. *Psychological Methods*, 11(4), 344–362. <https://doi.org/10.1037/1082-989X.11.4.344>
- Maydeu-Olivares, A., & Steenkamp, J. B. E. M. (2018). *An integrated procedure to control for common method variance in survey data using random intercept factor analysis models* [Um procedimento integrado para controlar a variação do método comum em dados de pesquisa usando modelos de análise de fator de interceptação aleatória]. Academia.edu. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2003.00338.x>

- www.academia.edu/36641946/An_integrated_procedure_to_control_f_or_common_method_variance_in_survey_data_using_random_intercept_factor_analysis_models
- Milfont, T. L., & Fischer, R. (2010). Testing measurement invariance across groups: Applications in cross-cultural research [Teste de invariância de medição entre grupos: Aplicações em pesquisas transculturais]. *International Journal of Psychological Research*, 3(1), 111-130. <https://doi.org/10.21500/20112084.857>
- Moradi, J., Bahrami, A., & Dana, A. (2020). Motivation for participation in sports based on athletes in team and individual sports [Motivação para participação em esportes com base em atletas de esportes coletivos e individuais]. *Physical Culture and Sport: Studies and Research*, 85(1), 14-21. <https://doi.org/10.2478/pcssr-2020-0002>
- Panza, M. J., Graupensperger, S., Agans, J. P., Doré, I., Vella, S. A., & Evans, M. B. (2020). Adolescent sport participation and symptoms of anxiety and depression: A systematic review and meta-analysis [Participação esportiva de adolescentes e sintomas de ansiedade e depressão: Uma revisão sistemática e meta-análise]. *Journal of sport and exercise psychology*, 42(3), 201-218. <https://doi.org/10.1123/jsep.2019-0235>
- Primi, R., Santos, D., De Fruyt, F., & John, O. P. (2019). Comparison of classical and modern methods for measuring and correcting for acquiescence [Comparação de métodos clássicos e modernos para medir e corrigir a aquiescência]. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 72(3), 447-465. <https://doi.org/10.1111/bmsp.12168>
- Reverdito, R. S., Carvalho, H. M., Galatti, L. R., Scaglia, A. J., Goncalves, C. E., & Paes, R. R. (2017). Effects of youth participation in extra-curricular sport programs on perceived self-efficacy: A multilevel analysis [Efeitos da participação de jovens em programas esportivos extracurriculares na percepção de autoeficácia: Uma análise multinível]. *Perceptual and Motor Skills*, 124(3), 569-583. <https://doi.org/10.1177/0031512517697069>
- Rosseel, Y. (2012). lavaan: An R package for Structural Equation Modeling [lavaan: Um pacote R para modelagem de equações estruturais]. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1-36. <https://www.jstatsoft.org/v48/i02/>
- Sanches, S. M., & Rubio, K. (2011). A prática esportiva como ferramenta educacional: Trabalhando valores e a resiliência. *Educação e Pesquisa*, 37(4), 825-841. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400010>
- Santos, F. S. F., Camiré, M., Campos, P. H. F. (2016). Youth sport coaches' role in facilitating positive youth development in Portuguese field hockey [O papel dos treinadores de esportes juvenis na facilitação do desenvolvimento positivo dos jovens no hóquei em campo português]. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 16(3), 221-234. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2016.1187655>
- Scott, C. E., Fry, M. D., Weingartner, H., & Wineinger, T. O. (2021). Collegiate sport club athletes' psychological well-being and perceptions of their team climate [Bem-estar psicológico dos atletas de clubes esportivos universitários e percepções do clima da equipe]. *Recreational Sports Journal*, 45(1), 17-26. <https://doi.org/10.1177/1558866121995169>
- Shields, D. L., & Bredemeier, B. L. (2007). Advances in sport mortality research [Avanços na pesquisa sobre mortalidade esportiva]. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* [Manual de Psicologia do Esporte] (3. ed, pp. 662-684). John Wiley.
- Silva, M. P. P., & Peixoto, E. M. (in press). Escala de trabalho em equipe para jovens: Adaptação transcultural e propriedades psicométricas. *PSICO*.
- Steenkamp, J. B. E., & Baumgartner, H. (1998). Assessing measurement invariance in cross-national consumer research [Avaliação da invariância da medição em pesquisas transnacionais com consumidores]. *Journal of Consumer Research*, 25(1), 78-90. <https://doi.org/10.1086/209528>
- Tavares, M. A., Fonseca, S., Lopes, A., Galatti, L. R., & Reverdito, R. S. (2021). Relação treinador-atleta e a experiência positiva de jovens no esporte extracurricular. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 21(1), 146-161. <https://doi.org/10.6018/cpd.428691>
- Turnnidge, J., Vierimaa, M., & Côté, J. (2012). An in-depth investigation of a model sport program for athletes with a physical disability [Uma investigação aprofundada de um modelo de programa esportivo para atletas com deficiência física]. *Psychology*, 3(12), 1131. <http://dx.doi.org/10.4236/psych.2012.312A167>
- Uziel, L. (2010). Rethinking social desirability scales: From impression management to interpersonally oriented self-control [Repensando as escalas de desejabilidade social: Do gerenciamento de impressões ao autocontrole interpessoal orientado]. *Perspectives on Psychological Science*, 5(3), 243-262. <https://doi.org/10.1177/1745691610369465>
- Valentini, F. (2017). Influência e controle da aquiescência na análise fatorial. *Avaliação Psicológica*, 16(2), 116-119. <https://doi.org/10.15689/ap.2017.1602.ed>
- Valentini, F., Mose, L. D. B., Ramos, I. D. S., & Conceição, N. M. D. (2020). Construção, estrutura interna e controle de aquiescência do Inventário de Suporte às Habilidades Socioemocionais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e180161>
- Van Yperen, N. W., Dankers, S., Elbe, A. M., Sanchez, X., & Otten, S. (2021). Perceived inclusion in youth soccer teams: The role of societal status and perceived motivational goal climate [Inclusão percebida em times de futebol juvenil: O papel do status social e do clima de metas motivacionais percebidas]. *Psychology of Sport and Exercise*, 53, 101882. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2020.101882>
- Vierimaa, M., Erickson, K., & Gilbert, W. (2012). Positive youth development: A measurement framework for sport [Desenvolvimento positivo dos jovens: Uma estrutura de medição para o esporte]. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 7(3), 601- 614. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.7.3.601>
- Vierimaa, M., Turnnidge, J., Bruner, M., & Côté, J. (2017). Just for the fun of it: Coaches' perceptions of an exemplary community youth sport program [Apenas por diversão: Percepções dos técnicos sobre um programa comunitário exemplar de esportes para jovens]. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 22(6), 603-617. <https://doi.org/10.1080/17408989.2017.1341473>
- Wazir, M. R. W. N., Van Hiel, M., Mostaert, M., Deconinck, F. J., Pion, J., & Lenoir, M. (2019). Identification of elite performance characteristics in a small sample of taekwondo athletes [Identificação das características de desempenho de elite em uma pequena amostra de atletas de taekwondo]. *PloS One*, 14(5), e0217358. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0217358>
- Weiss, M. R., & Smith, A. L. (2002). Friendship quality in youth sport: Relationship to age, gender, and motivation variables [Qualidade da amizade no esporte juvenil: Relação com idade, gênero e variáveis de motivação]. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 24(4), 420-437.
- Weiss, M. R., & Stuntz, C. P. (2004). A little friendly competition: Peer relationships and psychosocial development in youth sport and physical activity contexts [Uma pequena competição amigável: Relações entre pares e desenvolvimento psicossocial em contextos de esporte e atividade física para jovens]. In M. R. Weiss (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective* [Psicologia do desenvolvimento do esporte e do exercício: Uma perspectiva ao longo da vida] (pp. 165- 196). Fitness Information Technology.

- Yukhymenko-Lescroart, M. A. (2021). The role of team and sport social contexts: Are three-level models needed in studies of sport conduct? [O papel dos contextos sociais da equipe e do esporte: São necessários modelos de três níveis nos estudos de conduta esportiva?]. *Psychology of Sport and Exercise*, 53, 101848. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2020.101848>
- Zanon, C., Lessa, J. P. A., & Dellazzana-Zanon, L. L. (2018). Aquiescência em autorrelatos de personalidade: Uma comparação de métodos. *Avaliação Psicológica*, 17(4), 428-438. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2018.1704.3.03>
- Ziegler, M. (2015). “F*** you, I won’t do what you told me!”: Response biases as threats to psychological assessment [“F***-se, eu não vou fazer o que você me disse!”: Vieses de resposta como ameaças à avaliação psicológica]. *European Journal of Psychological Assessment*, 31(3), 153-158. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000292>

Declaração de disponibilidade de dados

Os dados da pesquisa estão disponíveis mediante solicitação ao autor correspondente.

Editor Responsável

Pedro Afonso Cortez

Autor Correspondente

Maynara Priscila Pereira da Silva
E-mail: maynarapriscilap@gmail.com

Submetido em

10/01/2023

Aceito em

09/04/2023